

O Discurso do Método

Na génese do meu método está a emoção. Este estado emocional, cuja origem tem um fundamento filosófico na relação com o mundo e com os objectos constitui a pulsão que, transcendendo-me, me impele para a obra. Este é um estado intelectual provocatório, que materializa o confronto. Bebe do modernismo o conceito de que a obra de arte não está nos materiais mas na ideia.

Nos painéis as linhas entrecruzam-se parecendo obedecer a fundamentos originados na matemática. Esta mondrianização, constitui um dos princípios do método. Mas não são princípios de carácter científico que o condicionam. É o instinto, o aleatório, a emoção. O método implica a assunção da imponderabilidade como elemento integrante e fundamental do processo criativo.

A imponderabilidade usa como motor o acaso e combustível o aleatório. O imponderável, o aleatório, o acaso, manifestam-se em encontros fortuitos, no meu quotidiano com os materiais ou nas contingências impostas pelo tempo. O tempo que, não só agiu sobre o material, alterando-o cromática e texturalmente, erodindo-o, mas também sobre mim próprio.

Nos painéis os planos multiplicam-se, recusam a singularidade. Projectam-se em direcção ao observador, contradizem-se, manipulam e confundem. A diagonal impõe-se como trave mestra. A espinha dorsal. O ponto de partida na luta contra a simetria na busca do aparente desequilíbrio. Tal como espero que da relação do meu trabalho com o espectador, nasça uma história, que é única, e efémera, nascendo da contemplação do objecto artístico, criando em cada instante um irrepitível final para a obra, sofro também, enquanto espectador do meu próprio trabalho, durante e após a sua execução, os efeitos reveladores da contemplação. São estas revelações que, me permitem acumular elementos que exibem-me as entranhas e os seus segredos, e que como peças de um puzzle eternamente inacabado, se vão paulatinamente encaixando.

A misteriosa pulsão que me compele para a elaboração do objecto artístico é avassaladora. Manifesta-se, por vezes, fisiologicamente apresentando uma sintomatologia quase patológica.

No processo utilizo a técnica cubista de destruir para reconstruir, descontextualizar para recontextualizar. Procuro o equilíbrio da composição provocando o aparente desequilíbrio, assimetrizando o plano de uma forma quase escultórica.

A desmultiplicação de planos que se interceccionam em confronto com a linha, em diálogo com a cor e a textura, é um dos elementos fundamentais deste processo.

A cada novo objecto, nasce nova partícula "gramatical" que incorpora, então, a sintaxe.

Quando decido terminar a minha intervenção sobre o painel não se encontra este acabado. Evolui continuamente, na relação com o tempo, na relação com o espectador.

O painel cria um universo a quatro dimensões: o espaço, a diagonal, o acaso, o tempo.

O objecto que integra o painel é descontextualizado, preservando no entanto os sinais que, para o observador, constituem referências da sua (objecto) existência anterior. Na cor, na textura na forma. Estes sinais criam uma emoção relacionada com a ambiguidade gerada. Surge no espectador a angústia da interpretação. Interiormente, confronta-se com a banalidade que se refere ao estatuto anterior do objecto saído do quotidiano, um prato, uma porta de um armário de cozinha, uma página de jornal, com o estatuto adquirido, pela recontextualização duchampiana, em ambiente expositivo. Instala-se assim, um processo dialéctico gerador de emoções contraditórias. Repulsa/atracção, indiferença/excitação, vazio/reflexão.

A obra, painel, caixa, auto-retrato, recebe um número que a ordena dentro da sua categoria.

Este processo, transcende o da mera catalogação. Na relação com o observador, pretendo condicioná-lo ou influenciá-lo, o mínimo possível. Como título, a frieza da numeração alfanumérica, intensifica a relação do espectador com a obra. Sem grandes pistas, este reflecte, interroga-se, interpreta. Deixa-se envolver. O observador funde-se com a obra e nasce uma história pessoal e única.